

#088 | 21 de janeiro de 2024

Análises de Cenários, Ensaios, Tendências

A VÍRGULA

Para não errar na interpretação dos fatos políticos

#088

AMEAÇA

Cientista de dados, Sergio Denicoli alerta sobre a possibilidade de a Inteligência Artificial modificar o resultado das eleições
Pág. 10

ARTIGO

Editor-executivo de AV, Felipe Izar aponta como o jornalismo de análise colabora com o diálogo democrático
Pág. 22

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

Vem aí o portal A Vírgula

"Nossa credibilidade não está à venda"

Fernando Carreiro, sobre a isenção e o perfil editorial da nova A Vírgula, que estreia no próximo domingo, 28
Pág. 14



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

Durante participação no Fórum Econômico Mundial, realizado na cidade de Davos (Suíça), o Ministro Luís Roberto Barroso, Presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), defendeu a “regulação da Inteligência Artificial (IA) diante do potencial risco para a democracia”.

O Ministro não está se referindo ao uso das ferramentas de IA aplicadas à produção de bens e prestação de serviços. O aspecto que preocupa não só ao Presidente do STF, mas a todo o conjunto de pesquisadores e pesquisadoras que vêm acompanhando a implantação e o uso das novas tecnologias de informação, é o efeito sobre o imaginário social e as consequências de tal fato, especialmente no tocante às lutas políticas nos diversos países. Todo esse contexto, ainda, está envolto pela polarização extrema, fato que potencializa os riscos do mau uso da tecnologia.

No Brasil, pré-campanhas já foram denunciadas com suspeita de adulteração de áudios por meio da Inteligência Artificial, técnica nomeada “deepfake”. O contexto foi titulado pelo jornal *O Globo* como “Fake News 2.0”.

Em ao menos três estados – Amazonas, Rio Grande do Sul e Sergipe –, relatou o veículo, a polícia investiga suspeitas de uso de IA para criar áudios falsos de

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

prefeitos que devem tentar a reeleição e de um deputado federal envolvido na pré-campanha da mulher do chefe de Executivo municipal, que também deve buscar a recondução ao cargo.

De acordo com o especialista em IA, cientista de dados e professor Howard Roatti, "a adulteração de vídeos e sons são um nova ameaça à democracia". "A tecnologia permite a criação de conteúdo falso de alta qualidade, dificultando para que as pessoas identifiquem fraudes. É importante que a sociedade esteja ciente dessa ameaça e tome medidas para combatê-la", alerta.

Regular o uso da IA, portanto, é fundamental, e não censura. Todas as mídias já são objeto de regulação nos distintos países. O momento desafia o Estado e a sociedade a buscarem uma forma de evitar a criação de realidades paralelas elevadas ao absurdo da normalidade: a distopia como paradigma dos novos tempos.

Pesquisadores como o Professor José Luís Bolzan de Moraes, colunista de *A Vírgula*, vem alertando há anos sobre a imperiosa necessidade de os estados nacionais agirem para a manutenção da soberania e para a garantia dos direitos da cidadania, que são afetados diretamente pelo uso indiscriminado das ferramentas de IA, uma vez que estas vêm sendo utilizadas com notória competência pelos agrupamentos políticos na construção de um projeto de Estado e de sociedade.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

As Big Techs, as grandes empresas que controlam as plataformas de IA, vêm se firmando como as novas estrelas do capitalismo neoliberal. E isso sem produzir nenhum bem material. O capital delas é a tecnologia e a informação. A forma de operar é disponibilização e a captura incessante de dados, para isso se valendo de uma humanidade encantada com as maravilhas projetadas por esse universo.

Aí reside o poder das Big Techs, algo capaz de influenciar Estados, grupos políticos e o capital. Armazenar informações, trabalhá-las e disponibilizá-las de forma deliberada para a humanidade é algo de dimensão brutal que precisa ser pensado na mais profunda extensão.

Essas empresas e suas tecnologias estão a construir um capitalismo de vigilância, como descrito na obra homônima de Shoshana Zuboff. A cidadania, em nome das maravilhas do universo digital, aceita, de forma dócil, o controle que a tecnologia da informação em suas diversas plataformas exerce sobre o cotidiano.

Temos assistido ao longo das últimas duas décadas, *pari passu* com o desenvolvimento das tecnologias da informação, avanço considerável das mesmas no universo cotidiano. Ora subtraindo postos de trabalho e precarizando os ainda existentes, ora incutindo no imaginário social, por força do seu uso proposital por

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

determinados grupos políticos ou econômicos, de concepções capazes de mover a vontade de todos.

Os exemplos são notórios, como nas eleições dos Estados Unidos e do Brasil. O desafio é controlar, regular o uso dessas tecnologias. As Big Techs, como anteriormente as grandes irmãs – as maiores empresas petrolíferas –, atuam de forma incisiva para que inexista quaisquer tipos de regulação sobre suas atividades, vide a longa tramitação da legislação brasileira no Congresso Nacional.

Assim atuam por se considerarem superior aos interesses do próprio país e da população. Não custa lembrar que essas empresas funcionam a partir de servidores espalhados pelos diferentes países, num tráfico transnacional de informações ininterrupto, desconhecendo fusos horários, línguas e legislações.

O mundo ideal dessas empresas não tem as mesmas amarras e é o retorno ao *estado natura* de Hobbes, ou seja, a ausência de regramentos legais, éticos ou morais dos quais nos valíamos, importando apenas aqueles originários das demandas de produção, consumo e difusão de informações.

Nesse mundo, a democracia tal como conhecemos é um modo de vida e de organização política e social superada: é um entrave. A democracia pressupõe

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

uma série de controles para o exercício do poder, além de uma transparência que essas organizações, enquanto entes privados, não estão acostumadas a se submeterem. Os pactos democráticos (e que são a ela inerentes) são um embaraço ao projeto econômico desses poucos senhores todo-poderosos. Sem controle, sem regulamentação e sem as estruturas básicas – estruturas essas que vão sendo minadas a cada bit que passa – a própria democracia é posta em xeque.

Nesse sentido, a conceituada revista científica *Nature* publicou editorial no qual discute como a desinformação online se aproveita de “vazios de informação” e propõe soluções para lidar com esse problema, especialmente em um ano de eleições importantes. Destaca-se a existência de “vazios de dados”, espaços de informação que carecem de evidências, nos quais as pessoas podem cair ao verificar a precisão de tópicos controversos.

O estudo também aborda como o uso de mecanismos de busca para verificar notícias imprecisas pode, na verdade, aumentar a confiança nessas notícias, alimentando assim um círculo vicioso perigoso. Além disso, discute-se a necessidade de parcerias entre provedores de mecanismos de busca e fontes de conhecimento baseado em evidências para lidar com esse problema. Algo ainda longe do interesse das Big Techs.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

O valor da Inteligência Artificial

Saiu na quinta-feira (18), também em *O Globo*: “IA transforma ranking de empresas mais valiosas do Mundo”. Após firmar parceria com a OpenAI, criadora do ChatGPT, a Microsoft ultrapassou a Apple e se tornou a empresa mais valiosa do Mundo com um valor de mercado de R\$ 2,9 trilhões. O topo do ranking foi alcançado logo após a empresa de Bill Gates anunciar o lançamento do Copilot, um assistente de Inteligência Artificial para todos os consumidores do pacote Office.

Ao jornal, William Castro Alves, estrategista-chefe da Avenue, avaliou que a mudança de perfil gerada pela IA pode ser tão significativa quanto foi a ascensão das Big Techs agrupadas pela sigla FAANG, em referência ao Facebook (agora chamado de Meta), Amazon, Apple, Netflix e Google. “Da mesma forma que a internet impulsionou o surgimento de uma nova geração de negócios, o mesmo pode acontecer com a IA”, diz.

“O Google, por exemplo, vale hoje muito mais do que General Electric, montadoras e até petroleiras. Se a inteligência artificial for mesmo tudo aquilo que estão apostando que é, a gente vai continuar a ver uma mudança no perfil dessas empresas. Da mesma forma que Youtube, Snapchat, Uber e muitas outras surgiram a partir da internet, várias companhias devem emergir a partir da Inteligência Artificial. Não é só uma questão

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) Adulteração de áudios, vídeos e os desafios da democracia diante das deepfakes

do ChatGPT, mas de toda a infraestrutura para criação desses sistemas de IA”, avaliou Castro Alves ao Globo.

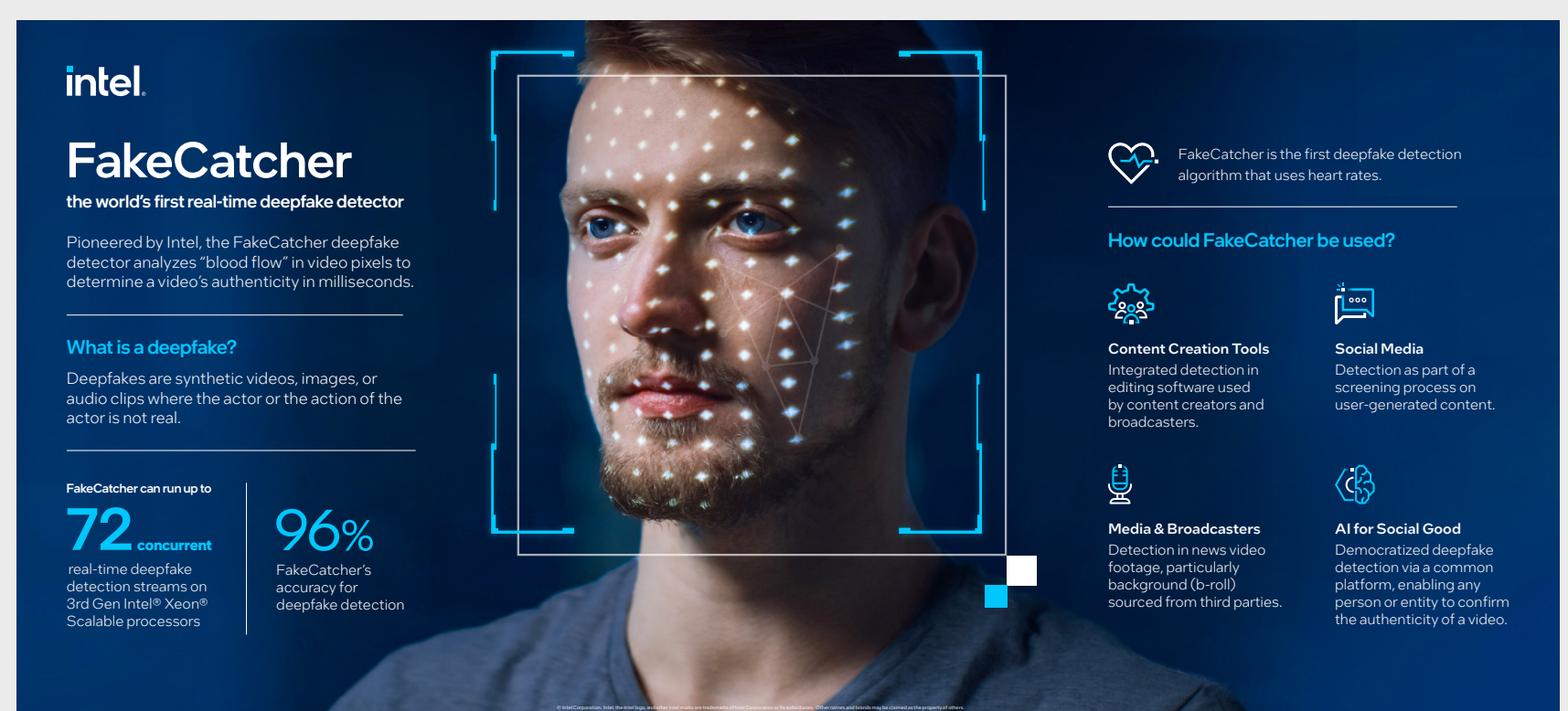
Com potencial para ditar os rumos da economia, a expansão da utilização de Inteligência Artificial deve ser acompanhada de perto pelos Estados e suas instituições, não deixando que, assim como aconteceu com as Big Techs, esta nova expansão tecnológica dite por conta própria que regras e normas deseja ou não seguir.

Ferramentas para combater a desinformação

O especialista em IA Howard Roatti indicou para este **A Vírgula** ferramentas de Inteligência Artificial que podem ser usadas para identificação de áudios e vídeos adulterados. Segundo ele, “a educação é fundamental para que as pessoas aprendam a identificar fraudes, e também é importante desenvolver mais ferramentas de detecção, bem como leis que criminalizem a prática fraudulenta”.

Conheça as ferramentas indicadas:

FakeCatcher:
Usa técnicas de aprendizado de máquina para detectar deepfakes;



intel

FakeCatcher
the world's first real-time deepfake detector

Pioneered by Intel, the FakeCatcher deepfake detector analyzes "blood flow" in video pixels to determine a video's authenticity in milliseconds.

What is a deepfake?
Deepfakes are synthetic videos, images, or audio clips where the actor or the action of the actor is not real.

FakeCatcher can run up to **72** concurrent real-time deepfake detection streams on 3rd Gen Intel® Xeon® Scalable processors

96%
FakeCatcher's accuracy for deepfake detection

FakeCatcher is the first deepfake detection algorithm that uses heart rates.

How could FakeCatcher be used?

- Content Creation Tools**
Integrated detection in editing software used by content creators and broadcasters.
- Social Media**
Detection as part of a screening process on user-generated content.
- Media & Broadcasters**
Detection in news video footage, particularly background (b-roll) sourced from third parties.
- AI for Social Good**
Democratized deepfake detection via a common platform, enabling any person or entity to confirm the authenticity of a video.

■ ARTIGO

Elis Regina, deepfakes e a ameaça aos políticos e à democracia



Sergio Denicoli

Cientista de dados com pós-doutorado pela Universidade do Minho e pela Universidade Federal Fluminense

Elis Regina, deepfakes e a ameaça aos políticos e à democracia

Em um mundo onde a comunicação se tornou a estrela do espetáculo, a velha máxima de que “na guerra a primeira vítima é a verdade” ressoa na política, especialmente agora, quando informações falsas podem ganhar proporções virais.

Não que antes da tecnologia as campanhas políticas fossem avessas à mentira. As narrativas para tentar arranhar a imagem de adversários não são novidade. Jornais apócrifos, panfletos suspeitos, denúncias vazias sempre fizeram parte do ambiente eleitoral, mesmo na era analógica. Quem é do interior conhece muito bem esse sistema.

Mas, agora, as possibilidades são maiores. Qualquer um pode criar e compartilhar uma mentira que, se for absorvida por um grande número de pessoas, acaba se tornando obstáculo a ser superado. E por vezes a retificação de algo na internet não é tão rápida como a disseminação de uma mentira. Ou então a informação verdadeira nem consegue espaço para chegar às bolhas pelas quais a mentira circulou.

E essa prática ficou tão impregnada na política 4.0 que agora entra numa nova fase. A chamada “deepfake”, ou falsificação profunda. Trata-se da possibilidade de se forjar vídeos, áudio, imagens, por meio do uso da Inteligência Artificial (IA), que simula a voz e a imagem de alguém. Ou seja, pode-se pegar uma simples foto e

Elis Regina, deepfakes e a ameaça aos políticos e à democracia

um arquivo de áudio com a voz de um adversário e a IA cria um vídeo com conteúdos diversos.

Essas construções aparentam ser tão reais que isso se tornou um problema grave, que pode levar pessoas a mudarem o voto com base em vídeos inventados. Um exemplo do potencial dessas novas ferramentas pode ser visto em campanhas publicitárias, como a que simulou um dueto entre Elis Regina e sua filha Maria Rita, em uma campanha para a Volkswagen, com a cantora já falecida dirigindo uma Kombi.

Se uma propaganda aparentemente inofensiva, que deixou claro se tratar de uma IA, gerou uma grande polêmica sobre o uso dessas tecnologias, a possibilidade de forjar situações políticas, sem que as pessoas saibam que se trata de uma simulação, tem um potencial de modificar o resultado de uma eleição. E o Brasil entrou no ano eleitoral de 2024 plenamente despreparado para lidar com essa situação.

A internet segue como um campo obscuro, sem uma legislação clara. As Cortes julgam casos de “deepfake” com base em legislações cunhadas na era analógica. Além disso, os procedimentos judiciais são imensamente mais lentos do que a velocidade que uma mentira circula nos meios online. E, para piorar a situação, a polarização política torna passional o debate sobre a regulação da internet, impedindo que o país avance em uma discussão séria e necessária sobre essa questão.

Elis Regina, deepfakes e a ameaça aos políticos e à democracia

Diante desse cenário desafiador, é evidente a urgência de uma abordagem proativa para lidar com a disseminação de Fake News e “deepfakes” no ambiente político brasileiro. A constatação de que a verdade é frequentemente subjugada, cedendo espaço para narrativas manipuladas, impõe a necessidade de uma regulamentação atualizada e adaptada à era digital.

A desregulação atual não só coloca em risco a reputação de políticos, mas, mais preocupante ainda, compromete a confiança do eleitorado e coloca em causa a própria essência da democracia.

■ ENTREVISTA

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”



Fernando Carreiro

Jornalista, consultor especializado em reputação, gestão de crises de imagem, comportamento humano, estratégia política e de marcas e Diretor Editorial de **A Vírgula**

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

Pronta para fazer a transição para um novo formato a partir do próximo domingo, 28, **A Vírgula** vai preservar seu compromisso com a qualidade analítica. É o que garante o seu diretor editorial, Fernando Carreiro, que conta sobre esse novo ciclo e comenta a independência deste veículo que faz parte de um grupo de comunicação que também atua no campo do marketing político:

“Eu sou o primeiro a defender que os lados não se misturem. Como idealizador deste projeto e proprietário das outras empresas na área de comunicação, eu cometeria um tremendo equívoco se permitisse que os interesses se misturassem”, garante.

“Como um pai-coruja, estou cheio de orgulho. Estarei aqui, na torcida, orientando e contribuindo. Mas **A Vírgula** tem vida própria e sabe bem onde quer chegar”, completa.

Carreiro falou ainda sobre como enxerga as eleições de 2024, a polarização afetiva e o crescimento das Fake News turbinado pela inteligência artificial.

A VÍRGULA: A Vírgula comemora dois anos no próximo sábado, 27, e inaugura uma nova fase, colocando no ar o maior portal de análises políticas do Espírito Santo. De onde surgiu a ideia desse boletim?

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

FERNANDO CARREIRO: *A Vírgula* (AV) surgiu de uma necessidade que o próprio mercado político capixaba já sentia: a ausência de espaços, canais de comunicação, que oferecessem análises mais profundas e menos pontuais. A *holding* à qual pertence *A Vírgula*, Fernando Carreiro Consultores Associados, já emitia a seus clientes um relatório reservado com análises de cenários e tendências. Decidimos, então, abrir esse conteúdo para além dos muros da empresa, como forma de ajudar na construção da opinião sobre a política e para que os atores do mercado em que estamos inseridos também pudessem balizar suas estratégias. Dois anos depois, *A Vírgula* já é referência entre os formadores de opinião, que são o nosso público-alvo, e é lida no café da manhã de domingo pelas maiores autoridades políticas do Estado.



A estreia desse portal é o início de mais um ciclo dessa jornada em que o leitor vai poder encontrar mais análises, mais dados sobre o Espírito Santo, o Brasil e o mundo, tudo em tempo real.



Como será esse novo formato? O que o leitor vai poder esperar de *A Vírgula*?

Passamos a ser um portal, que reunirá análises, muitos dados, entrevistas importantes, artigos de especialistas, além da TV Vírgula. O leitor poderá acessar nosso

faz diferença

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

conteúdo multiplataformas: computador, smartphone, tablet e por meio de um aplicativo, que vai enviar alertas instantâneos para que não se perca qualquer análise sobre os movimentos políticos locais, regionais, nacionais e internacionais. **A Vírgula** deixa de ser um boletim semanal para oferecer análises diárias, em tempo real. A partir do próximo domingo, o formato muda, mas nosso compromisso com o conteúdo de qualidade continua sendo o mesmo.

AV é parte de um grupo de comunicação que tem debaixo de seu guarda-chuva empresas na área de marketing político, diagnóstico, comunicação, e produção audiovisual. Não há conflito de interesses?

Nossa expertise em analisar cenários de dentro da empresa de marketing político ilumina a atuação de **A Vírgula**, que, por sua vez, tem total independência e isenção. Está entre os nossos princípios editoriais, que o leitor vai poder conhecer dentro do portal. Meu papel, na direção editorial de **AV**, é mentorear um grupo de analistas, dos mais diferentes matizes – político, econômico, sociocultural – que hoje atua na estruturação do conteúdo. Eu sou o primeiro a defender que os lados não se misturem. Como idealizador desse projeto e proprietário das outras empresas na área de comunicação, eu cometeria um tremendo equívoco se permitisse que os interesses se misturassem. A credibilidade que o grupo conquistou ao longo desses

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

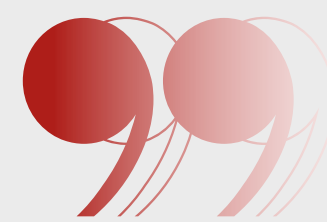
mais de 10 anos de mercado e o espaço respeitado que **A Vírgula** ocupa hoje estão em jogo, mas não à venda.

Quais são os projetos futuros para a nova A Vírgula?

Hoje, **A Vírgula** é muito maior que aquele boletim que eu criei em 27 de janeiro de 2022, ainda de forma tímida, mas com propósito claro; é maior do que eu, é uma empresa independente do grupo que a criou. Ela anda sozinha, voa sozinha, tem profissionais extremamente competentes em seu comando e na construção de suas análises. Eu, como um pai-coruja, estou cheio de orgulho e observo, ora de perto, ora mais distante, sua caminhada, torcendo para que seja cada vez mais exitosa. Estarei aqui para ajudá-la nesse processo, sempre na torcida, orientando e contribuindo para que ela ocupe novos espaços e que seja fiel às suas origens e à sua essência de ajudar a formar opinião política e colaborar com atores políticos em suas estratégias. Mas ela tem vida própria e sabe bem onde quer chegar. A estreia do portal é o início de mais um ciclo dessa jornada em que o leitor vai poder encontrar mais análises, mais dados sobre o Espírito Santo, o Brasil e o mundo, tudo em tempo real.



Os candidatos a prefeito e a vereador no ano que vem vão precisar entender que o jeito de fazer campanha eleitoral e tocar corações e mentes mudou.



faz diferença

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

Como você analisa o processo eleitoral do próximo ano? A polarização parece estar mais viva do que nunca, como nós de A Vírgula já tratamos diversas vezes, desde a primeira edição, e as Fake News não dão sinais de arrefecimento; ao contrário: com a insurgência da inteligência artificial, estão turbinando a desinformação...

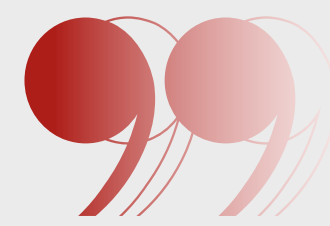
No fim do ano passado, eu publiquei aqui um artigo muito esclarecedor sobre esses tempos que vivemos. A polarização que conhecíamos já não existe mais. Os movimentos políticos de 2013 deram início a essa polarização afetiva, que foi se calcificando com o passar dos anos, sobretudo após a eleição de Jair Bolsonaro, que vocalizou o pensamento de uma parcela dos brasileiros que havia décadas não se sentia representada pelo PT nem pelo PSDB, mas que fora obrigada a escolher entre um e outro. Bolsonaro não recriou a direita; ele acordou esse segmento popular que estava adormecido e se via sem voz na política. Os candidatos a prefeito e a vereador no ano que vem vão precisar entender que o jeito de fazer campanha eleitoral e tocar corações e mentes mudou. Por outro lado, as pesquisas e as urnas sempre mostraram que, para além da guerra cultural dos últimos anos, o eleitor sabe que o prefeito é quem tem condições reais de mudar a vida dele para melhor, por estar mais próximo da cidade e conhecer de perto os problemas das comunidades. Vai ser preciso se equilibrar entre o discurso identitário e a defesa das políticas públicas. Quanto às Fake News, será um desafio

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

para candidatos e empresas de marketing lidar com o desconhecido. As eleições argentinas, em novembro, deram mostras reais de como a inteligência artificial, para o bem e para o mal, podem impactar o processo eleitoral. O rigor da Justiça Eleitoral será o fiel dessa balança.



***Zelar pela própria imagem
nunca foi tão importante.***



Com a ascensão do digital, o estilo “analógico” de campanhas acabou?

As pesquisas mostram que a televisão tem muita credibilidade para parte do eleitorado brasileiro, a mesma que acredita pouco no que lê nas redes sociais. Para outra parcela, essa menos cética, tudo que circula na internet tem mais valor, o que é bom e ruim para os candidatos, afinal, esse eleitor ou eleitora pode acreditar tanto no discurso propositivo quanto nas inverdades alardeadas por adversários. Não se pode descartar qualquer canal de comunicação em uma campanha. Cada um deles cumpre com o seu papel. Há ainda, na sociedade, uma crença muito grande de que o que está registrado em papel – seja nas páginas de um jornal ou em um material de propaganda impresso – tem mais valor e credibilidade, por ter a imagem de um documento que pode servir de cobrança posterior, o que não deixa de ser um paradoxo com o “print

“A Vírgula é muito maior que aquele boletim que eu criei; hoje ela anda sozinha, voa sozinha”

eterno” de páginas da internet e a captura de vídeos que se transformam em armas, posteriormente. Vivemos o tempo de uma sociedade líquida no pensamento, mas que não se esquece, principalmente dos discursos infelizes, das derrapadas e dos malfeitos dos políticos. Zelar pela própria imagem nunca foi tão importante.

■ ARTIGO

O diálogo possível

Sair da bolha se tornou nestes tempos um ato de cidadania



Felipe Izar

Jornalista e editor-executivo
de **A Vírgula**

O diálogo possível

Vivemos um momento de polarização político-afetiva. Para usar o termo que tem ganhado holofotes, a calcificação do cenário, aquela que finca o eleitor dentro de um espectro e o faz imóvel, sem a propensão para mudar visões, perspectivas. Trocando em miúdos, sem considerar a necessidade de sair da bolha para colocar em prática o mais elementar do ser humano: a convivência.

O que podemos fazer, como profissionais da comunicação, para colaborar na distensão de um cenário tão dividido? O jornalismo profissional tem “segurado a barra”, é verdade, sob o questionamento diário de ser parcial, quando a imparcialidade é premissa cara ao ofício.

Nessa esteira, tem crescido a importância do jornalismo de análise, que interpreta cenários sem juízo de valor – mas nunca abdica do desconfortável –, descreve movimentações, busca guarida na história, esclarece os bastidores e transparece o momento em que estamos vivendo de modo a aprofundar o debate. Com as palavras em mãos, é o leitor quem toma a decisão, mas, desta vez, munido de uma realidade além do óbvio.

O diálogo possível é um desafio dos nossos tempos. Como alertaram Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, no best-seller “Como as democracias morrem”, a polarização extrema é potencial ameaça à democracia.

O diálogo possível

Sair da bolha, para além do clichê, se tornou nestes tempos um ato de cidadania.

Esta é a missão de *A Vírgula*, que muito em breve e após quase uma centena de edições, se tornará um portal completo e repleto de interpretações pertinentes ao nosso tempo. Foi a partir do debate, elogios e críticas do leitor que identificamos a necessidade de dar mais um passo, arriscar, contribuir. Colaborar com as discussões políticas e apontar tendências.

O jornalismo de análise tem o papel semelhante aos versos de Tom Zé, gênio da música brasileira: “Eu tô de explicando pra te confundir. Eu tô confundindo pra te esclarecer”.

Não há, afinal, apenas um ponto de vista num país de mais de 200 milhões de pessoas. O jornalismo de análise não diz o que as pessoas querem ouvir (Lula) e nem progride para expor o que elas querem dizer (Bolsonaro). A gente soma forças para disseminar o debate democrático, doa a quem doer.

Há quase dois anos como diretor de conteúdo na empresa Fernando Carreiro, ele próprio me disse que tinha um sonho logo quando cheguei: fazer dar ainda mais certo a semente plantada pelo antigo “Leia-se”, portal idealizado por uma de suas mentoras profissionais: a saudosa Bete Rodrigues.

O diálogo possível

Audacioso, cumpriu a promessa. E seguiremos em frente com compromisso e energia para entregar as melhores análises.

O time, vocês verão, é de primeira linha.

E os sonhos, com canta Milton Nascimento, nunca envelhecem.



A VÍRGULA #088

Boletim semanal produzido por
Fernando Carreiro
Imagem Comunicação Inteligência



Fernando Carreiro
Diretor Editorial

Com textos, análises e colaboração de:



Felipe Izar Xavier
Editor-Executivo



Leonardo Quarto
Editor



Marcelo Siano Lima
Consultor



Rodrigo Medeiros
Colaborador

Confira todo nosso acervo em
www.fernandocarreiro.com.br/avirgula